

BILINGUISMO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Caroline Akemi Koyama

Graduada em Pedagogia pela Unifacp. Docente de Educação Infantil

ccc.koyama@gmail.com

Meire Terezinha Müller-Palomar

Mestre e Doutora em Educação pela Unicamp. Docente da Unifacp

meiremuller@hotmail.com

RESUMO

A inserção da educação bilíngue no cenário brasileiro ocorreu por volta dos anos 1990 evidenciando a importância desse tipo de alfabetização desde a primeira infância. Com proposta inovadora pautada na globalização, as escolas bilíngues se destacam pela pedagogia ativa, visando o desenvolvimento da cidadania e oportunidades futuras aos alunos.

Palavras-chave: Educação bilíngue; formação integral; primeira infância; cidadania.

SUMÁRIO – Introdução; 1. Aquisição da Linguagem; 2. O bilinguismo; 3. A escola bilíngue no Brasil; 4. Possibilidades e limites da educação bilíngue; Conclusão; Referências Bibliográficas.

INTRODUÇÃO

Na atualidade, cada vez mais, pais e professores demonstram preocupação com a escolarização das crianças e sua formação pessoal. Com a globalização e a imersão tecnológica e cultural pelas quais o mundo passa em todos os âmbitos, tem crescido cada vez mais o interesse por uma segunda língua, notadamente o inglês, já que esse idioma é, ao lado de outras línguas orientais, a língua oficial dos negócios. O domínio de mais de um idioma representa uma necessidade não apenas ao mercado de trabalho, mas também ao mundo acadêmico e, ainda, aos grupos de interação social. Tais

necessidades são resultado das mudanças estruturais ocorridas e impostas pelo fenômeno conhecido como “mundialização”, que se refere às inter-relações que ultrapassam fronteiras territoriais, étnicas, linguísticas, etc. Assim, a grande questão que moveu este artigo é investigar qual a importância do ensino bilíngue na primeira infância. Observa-se que, no Brasil, cujo idioma oficial é o português, vem surgindo ao longo dos anos uma crescente oferta de cursos e escolas de idiomas para todas as idades, o que impulsionou a criação de escolas de educação infantil bilíngues, com proposta que visa não apenas o ensino de outra língua, mas também uma educação global, para promover a formação de futuros cidadãos fluentes em inglês e, ainda, um estudante mais preparado para o mundo globalizado, capaz de conviver com culturas diversas, respeitando sua diversidade.

1. Aquisição da linguagem

Desde os primórdios da humanidade, o homem tem necessidade de se comunicar para sobreviver e para suprir suas necessidades; a comunicação não deve ser reduzida apenas ao ato de falar, formular palavras ou frases, mas à capacidade do indivíduo de se expressar de diversas maneiras (desenhos, gestos, manifestações artísticas, etc). Segundo Silva (2011) as várias correntes teóricas discutem se a aquisição da linguagem é decorrente de fatores inatos, se provém da convivência social ou, ainda, se é decorrente da interação entre esses dois fatores. Del Ré (2006), não considera que a mente atua como um componente fundamental na compreensão e explicação do processo de aquisição de linguagem, mas que o conhecimento é derivado da experiência, ou seja, ocorre a partir da vivência. Esta corrente, conhecida como *Comportamentalista* acredita em uma capacidade inata no ser humano de formar associações entre estímulos ou entre estímulos e respostas²².

²² Burrhus Frederic Skinner é considerado um dos pais da teoria do comportamentalismo, afirma que aprendizagem da língua se assemelha à aprendizagem de qualquer outra habilidade do corpo humano. Na teoria comportamentalista tradicional a criança é uma “tábula rasa”, ou seja, para o aprendizado de língua, ao fazer o tripé estímulo-resposta-reforço, seria alcançado o resultado esperado, ou seja, recebendo os estímulos corretamente o indivíduo estaria apto a desenvolver uma determinada habilidade, conforme afirma Del Ré (2006) “ela só desenvolve seu conhecimento linguístico por estímulo-resposta (E-R), imitação e reforço”(p.18).

Nos anos de 1950 surgiu a teoria *Gerativa* ou *Inatista* de Noam Chomsky²³. Para seus seguidores, a capacidade do aprendizado da linguagem é comum em vários estágios à maioria das crianças, e sua capacidade de absorção estaria ligada ao código genético existente na espécie humana, uma vez que “elas passam por um número de estágios em idades previsíveis e a ordem com que elas adquirem as várias estruturas e funções da língua também é bastante regular” (HARDING-ESCH e RILEY, 2003, p. 18). A aquisição da linguagem, nessa abordagem, não dependeria de mecanismos cognitivos e muito menos da interação social. Segundo Souza (2011) a aquisição da linguagem seria algo inerente à faculdade humana, não tendo relação com os demais sistemas cognitivos humanos como a memória ou a percepção.

Essas novas teorias, porém, chamadas por alguns de construtivistas pelo fato de partirem do pressuposto de que a criança constrói a linguagem, trazem essa nova concepção de aquisição da linguagem, contestando com a autonomia do dispositivo de aquisição da linguagem ou da própria Gramática Universal propostas pelo inatismo, na medida em que se acredita que a aquisição da linguagem depende do desenvolvimento da inteligência na criança (SCARPA, 2001. p 20)

Em contraposição à teoria *Gerativa* surgiu a teoria *Cognitiva*, de Jean Piaget²⁴, na qual a proposta não é a aquisição da linguagem em si, mas a análise das relações entre linguagem e pensamento. Piaget acreditava que o processo de desenvolvimento da linguagem da criança está intimamente relacionado com a interação com o ambiente físico e, para haver essa resposta da criança com o meio ambiente, é necessário o desenvolvimento prévio de certas estruturas biológicas. Piaget, em sua teoria,

vincula a linguagem à cognição, i.e., a aquisição e o desenvolvimento da linguagem são processos derivados do desenvolvimento do raciocínio na criança. Piaget [...] propõe que o sujeito constrói estruturas (conhecimento) com base na experiência com o mundo

23 Avram Noam Chomsky (Filadélfia, 7 de dezembro de 1928) é um linguista, filósofo, sociólogo, cientista cognitivo, comentarista e ativista político norte-americano, reverenciado em âmbito acadêmico como “o pai da linguística moderna”.

24 Jean William Fritz Piaget ([Neuchâtel, 9 de agosto de 1896](#) - [Genebra, 16 de setembro de 1980](#)) foi um [biólogo](#), [psicólogo](#) e [epistemólogo suíço](#), considerado um dos mais importantes [pensadores](#) do [século XX](#). Defendeu uma abordagem interdisciplinar para a investigação epistemológica^[nota 1] e fundou a [Epistemologia Genética](#), [teoria do conhecimento](#) com base no estudo da gênese psicológica do pensamento humano.^[1]

físico, ao interagir e ao reagir biologicamente a ele, no momento da interação. Contudo, de acordo com ele não basta que a criança seja apenas “exposta” à interação social, ela deve também estar “pronta”, no que se refere à maturação. (DEL RÉ, 2006, p. 22)

Piaget propôs quatro estágios de desenvolvimento da criança, assim divididos: sensório-motor (zero a dois anos), fase que precede a linguagem; Pré-operatório (dois a sete anos), fase das representações, dos símbolos; Operatório-concreto (sete a doze anos), estágio de construção da lógica e Operatório-formal (doze anos em diante), fase do raciocínio e da total aquisição da linguagem como elemento de comunicação e interação social. Em oposição a essa perspectiva, Lev Vygotsky (1993) demonstra a importância do papel de uma segunda pessoa neste processo, ou seja, o papel do outro no desenvolvimento da comunicação. Para esse pensador, o processo de comunicação se dá pela troca da aprendizagem entre o adulto e a criança, onde as estruturas construídas socialmente e externamente sofrem um processo de interiorização e de representação mental, geralmente por volta dos dois anos de idade. Segundo o autor,

O adulto tem, aqui, um papel fundamental no processo de aquisição da linguagem, funcionando enquanto regulador/mediador de todas as informações que as crianças recebem do meio. Essas informações são sempre intermediadas pelas que as cercam e, uma vez recebidas, são reelaboradas num tipo de linguagem interna, individual. É desse modo que a criança se desenvolve na interação com o outro e aprende com ele (adulto) aquilo que em breve ela será capaz de fazer sozinha. Contudo, a aquisição de habilidades depende da instrução dada pelo adulto no momento em que a criança se encontra na chamada Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), i.e., uma fase de transição entre aquilo que ela é capaz de fazer sozinha e o que ainda não é capaz de realizar por si só, mas pode fazê-lo com o auxílio de alguém mais experiente, como a mãe, o professor, outros adultos, colegas mais velhos etc. (VYGOTSKY apud DEL RÉ, 2006, p. 23).

A teoria de Vygotsky está pautada na atribuição de uma importância essencial à interação social no processo de aquisição e desenvolvimento não só da linguagem, mas de todas as demais funções psíquicas superiores. Nas palavras do próprio autor,

A criança sente a necessidade das palavras e, ao fazer perguntas, tenta ativamente aprender os signos vinculados aos objetos, ela parece ter descoberto a função simbólica das palavras. A fala, que na primeira fase era afetivo-conotativa, agora passa para a fase intelectual. As linhas do pensamento e da fala se encontram (VYGOTSKY, 1993, p.38).

Conclui-se que Vygotsky entende a curiosidade que as palavras despertam na criança como um momento em que o pensamento se torna concreto através da forma simbólica das palavras, acontecendo assim uma transição de fases no processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem.

Portanto, se há tantas e tão diferentes definições para aquisição da linguagem, como os indivíduos se comportam diante do aprendizado de outra língua? Quais as dificuldades encontradas em sua aquisição? Existe uma idade em que essa aquisição se torna mais fácil?

2.O bilinguismo

Para iniciarmos este item, é de fundamental importância pensarmos sobre a definição do que seria o bilinguismo, ou seja, quando podemos dizer que determinada pessoa é bilíngue? Para isso, utilizamos as palavras de Baker e Prys Jones (1998):

É o bilinguismo medido por quão fluente a pessoa é nas duas línguas? Os bilíngues devem ter a mesma competência de um falante monolíngue em cada uma de suas duas línguas? Se uma pessoa é considerada menos fluente em uma língua do que na outra, deveria essa pessoa ser considerada como bilíngue? São bilíngues apenas aqueles que possuem uma competência semelhante em ambas as línguas? A habilidade nas duas línguas é o único critério de avaliação do bilinguismo ou o uso dessas línguas também deve ser considerado? Nesse caso, se uma pessoa fala uma segunda língua fluentemente, mas raramente a usa poderia ser classificada como bilíngue. Mas e uma pessoa que não fala uma segunda língua fluentemente, mas a usa regularmente? E a pessoa que fala uma segunda língua, mas não é letrada nela? É o termo bilíngue um rótulo que as pessoas dão a si próprias? É o bilinguismo um estado de mudanças e variações conforme o tempo e as circunstâncias? Pode ser uma pessoa mais ou menos bilíngue? (BAKER e PRYS JONES, 1998, p. 2)

Por ser um objeto de estudo muito recente ainda, não há um conceito único sobre o bilinguismo, havendo diversas controvérsias entre diferentes pesquisadores. O dicionário de Oxford (2000, p. 17) define bilinguismo da seguinte maneira “ser capaz de falar duas línguas igualmente bem porque as utiliza desde muito jovem”. Porém vale salientar que ninguém fala nem mesmo sua língua materna de modo indefinidamente igual, pois a língua é algo mutável; então o indivíduo bilíngue seria aquela pessoa que consegue se comunicar na língua materna e também consegue se comunicar na segunda língua. Congruente a essa definição Macnamara (apud HARMERS e BLANC, 2000) defende que “um indivíduo bilíngue é alguém que possui competência mínima

em uma das quatro habilidades linguísticas (falar, ouvir, ler e escrever) em uma língua diferente de sua língua nativa” (op.cit.p.6). Ratificando esse pensamento, Souza (2006) também estabelece que o indivíduo pode ser bilíngue apresentando apenas uma dessas habilidades, o que pode ser ilustrado com o exemplo de crianças que convivem com pais bilíngues, que falam um idioma entre si e outro com a criança. Embora não consiga se comunicar naquele idioma utilizado pelos pais, ela é capaz de compreender o que é falado. Haugen (1953), na mesma linha, apresenta definição bastante abrangente, considerando bilíngue a pessoa capaz de produzir sentenças completas e significativas em uma segunda língua. Essa primeira linha de conceitos vai de encontro à definição de Blommfield (1933) que afirma que, para ser uma pessoa bilíngue, deve “ter controle de duas línguas semelhantes ao de um nativo”(p. 2).

Concordando com Smolka (1995), pensamos que a língua falada por um indivíduo é algo muito mais complexo do que um sistema de sons; é o seu meio de comunicação com o mundo.

Quando se fala do caráter instrumental da linguagem, pode-se fazer referência à noção de fabricação e/ou de uso de instrumento, no seu aspecto funcional e utilitário. Neste sentido, a linguagem é vista como um "meio" para atingir um fim, o que não distingue esta noção de uma concepção clássica em que a linguagem é vista como meio/veículo de expressão, comunicação, representação (SMOLKA, 1995, p.12)

Acredita-se que o bilinguismo é um processo intimamente ligado ao contexto histórico-social-cultural, ou seja, a vivência humana, o que significa que surge primeiramente de uma necessidade do indivíduo de atingir algum objetivo que envolva a comunicação, como no caso dos imigrantes, por exemplo, que necessitam ter algum entendimento político-social do local em que passam a residir para conseguirem um emprego, construir uma vida social, resolver problemas cotidianos e se assemelhar aos moradores locais, entre outros fatores.

De forma simplória o bilinguismo pode ser dividido em dois tipos: o precoce e o tardio. O primeiro tipo ocorre quando a criança aprende a língua até os quatro anos, concomitantemente com a internalização de sua língua materna; já o bilinguismo tardio é aquele em que o indivíduo já domina a língua materna para ter o aprendizado de outra língua.

Quando a criança tem a possibilidade de conviver com pais que falam mais de um idioma em casa, se torna mais fácil o bilinguismo, pois à medida que ela vai crescendo, vai se adaptando a ouvir outro idioma de forma natural e, assim, naturalmente ocorre o aprendizado. Porém, quando o aprendizado é apenas no ambiente escolar, a atividade requer o esforço maior por parte do professor. Quando o tema bilinguismo se estende para a habilidade *escrever*, a tendência é apresentar ainda mais dificuldades. No Brasil, a educação ainda segue os padrões tradicionais e, se a alfabetização na língua materna já representa um problema para grande parte da população, a alfabetização em uma segunda língua é algo ainda restrito a poucas famílias, e que requer a necessidade de uma modalidade de escola específica.

As escolas com propostas bilíngues apresentam em seu currículo uma nova forma de trabalhar a segunda língua, para assimilação mais fácil do conteúdo e que poderia ser observada e até mesmo aplicada em escolas regulares. Essa metodologia diferenciada e o olhar diferente sobre o processo de ensino-aprendizagem são os principais fatores que diferenciam a educação bilíngue da tradicional. Segundo Silva (2009) as escolas bilíngues, em sua maioria, têm como meta garantir o ensino pleno de duas ou mais línguas, bem como desenvolver todas as potencialidades dos alunos, incluindo o desenvolvimento da memória e a consciência crítica.

Quando falamos em processo de aprendizagem bilíngue, logo se pensa até onde ele é benéfico ou prejudicial ao sistema cognitivo das crianças. Pesquisas comprovam que pessoas alfabetizadas em dois idiomas têm mais possibilidades de falar como nativo, tornando mais natural o processo de aquisição de linguagem sem comprometimento de nenhuma de suas competências.

Estudos sobre a educação bilíngue passaram por diferentes momentos. As primeiras pesquisas indicavam o bilinguismo como prejudicial para o desenvolvimento cognitivo das crianças, uma vez que confundiria a criança e interferiria no desenvolvimento das funções cognitivas. Posteriormente, na década de 1960, os programas canadenses de imersão francesa para crianças anglo-fônicas demonstraram resultados positivos, sem apresentar problemas à língua materna (SANTOS 2014, p.6)

Ainda segundo Santos (2014) a educação bilíngue passou a ser vista sob um novo olhar e intensificaram-se as pesquisas sobre essa temática a partir do

século XX. Na década de 1980, vários estudos foram desenvolvidos com relação ao ensino de uma segunda língua e tornou-se relevante a teoria de Vygotsky para análise dessa aprendizagem. Atualmente, as pesquisas apontam, em sua maioria, aspectos positivos do bilinguismo e revelam que os sujeitos bilíngues apresentam ganhos cognitivos.

[...] a aprendizagem não é, em si mesma, desenvolvimento, mas uma correta organização da aprendizagem da criança conduz ao desenvolvimento mental, ativa todo um grupo de processos de desenvolvimento, e esta ativação não poderia produzir-se sem a aprendizagem. Por isso, a aprendizagem é um momento intrinsecamente necessário e universal, para que se desenvolvam na criança essas características humanas não naturais, mas formadas historicamente (VYGOTSKY, 1998, p.115).

De tudo o que foi anteriormente explanado, não é difícil perceber que o bilinguismo é uma ferramenta importante e uma ponte para inúmeros benefícios durante toda a vida, trazendo à criança competências que dificilmente serão encontradas em outros momentos. A introdução do bilinguismo na primeira infância é uma oportunidade de expansão mental, intelectual e social, permitindo que a criança adquira um olhar mais amplo, com mais de uma perspectiva sobre o mundo que o cerca, ampliando seus horizontes, pensamentos e ideias, além de oportunizar facilidades futuras a partir de um segundo idioma, que foi inserido de forma natural e em imersão total.

3 -A escola bilíngue no Brasil

O Brasil, apesar de apresentar dimensões continentais, conta ainda com o ensino bilíngue como uma realidade recente, quando comparado a outros países do mundo. Vale a pena lembrar que, no Brasil, a educação regular já contou com a obrigatoriedade de se ensinar vários idiomas estrangeiros, na tentativa de inserir os brasileiros em um panorama mundial mais amplo: em 1931, ocorreram diversas reformas educacionais nos estados brasileiros, que tornaram obrigatório o ensino de idiomas tais como o Latim, o Francês e o Inglês, deixado à decisão de cada estado, proporcionando-lhes certa autonomia. Em meados dos anos de 1970 o interesse pela língua inglesa foi ultrapassando o interesse pela língua francesa, ensinada como um idioma importante e elegante desde a vinda da família real ao Brasil em 1808. “Desde então [1971], o número

de instituições infantis que incluem a língua inglesa em seus currículos é crescente” como afirma Wolfforwitz-Sanches (2009).

Segundo Flory (2008), a necessidade de se ensinar idiomas no Brasil tornou-se uma realidade com o advento das grandes imigrações do final do século XIX e início do século XX, sendo comum encontrar comunidades de origem italiana, alemã, holandesa, francesa, espanhola, inglesa entre outras, com aulas para os interessados em socialização. Era algo extremamente comum que as crianças falassem um tipo de idioma no seu ambiente familiar e social mas fossem alfabetizados em português na escola.

Ao observar os padrões curriculares exigidos pelo Ministério da Educação (MEC), o ensino de uma língua estrangeira na educação infantil ainda não é obrigatório, porém esse modelo vem se tornando mais comum até mesmo em escolas públicas, que optam por incrementar o ensino de uma língua estrangeira, ainda que de forma superficial. Diferentemente de uma escola bilíngue, o ensino de um idioma em momentos esparsos, de forma artificial faz com que a criança passe a fazer comparações, traduzindo palavras de uma língua para outra, fugindo da aprendizagem natural por imersão, ocasionando muitas vezes a confusão e a uma maior dificuldade na aquisição de uma nova língua. Porém, ao ingressar em uma escola bilíngue, em que a aquisição do idioma ocorre simultaneamente com a língua materna, a criança não percebe duas línguas diferentes, e sim dois processos de comunicação, que serão absorvidos de forma natural.

Portanto, quanto mais cedo se iniciar o processo de alfabetização em outro idioma, mais fácil sua aquisição, pois na primeira infância, o cérebro é uma estrutura completamente plástica, funciona como uma esponja que consegue absorver tudo que é ensinado, se tornando a forma mais fácil de desenvolvimento do idioma por imersão. “A primeira infância coincide com o período em que diferentes áreas do cérebro são capazes de assumir uma variedade de funções, incluindo a linguagem (período de plasticidade do cérebro). Depois, o cérebro começa a perder esta plasticidade e a capacidade de aprender uma língua diminui”. (MELLO, 1999, p.70).

No Brasil, antigamente as escolas bilíngues eram procuradas principalmente por família de imigrantes que desejavam que seus filhos crescessem em contato com sua cultura de origem (como alemães, franceses,

italianos), ou por imigrantes em trânsito, ou seja, famílias que vinham passar um período limitado no Brasil e depois se mudariam para outros países. Esse público procurava geralmente as escolas internacionais, com currículos britânicos e/ou americanos (FLORY, 2008, p.13). Atualmente, segundo Souza (2011) existe no Brasil uma classificação de três tipos de modelos curriculares, que são:

1. A escola Internacional: Adota o currículo, o calendário, os parâmetros curriculares, assim como os costumes socioculturais de determinada região. É como se uma escola de determinado país fosse aberta em outro, mantendo toda a sua estrutura original.

2. A escola semi-internacional: Adota o currículo brasileiro e o currículo internacional na sua proposta pedagógica, fazendo uma mescla de dois currículos.

3. A escola bilíngue: Embora utilizando outro idioma, adota o currículo e o calendário escolar brasileiros.

As escolas bilíngues no Brasil são exclusividade da educação privada, com altos valores de mensalidades, o que não as torna acessíveis a todos, e se diferem em algumas características da escola regular tradicional, tais como: Programa de aula mais longo, proposta pedagógica diferenciada; apresentação de uma nova cultura; dinâmica do modelo de aula diferenciado; programa educacional baseado nas práticas reflexivas; programa pensado para educar e cuidar da criança tanto física quanto intelectual, emocional e socialmente. Acerca da importância da iniciação na escola bilíngue ainda na primeira infância, Megale (2005) evidencia em sua pesquisa que:

As crianças iniciam a educação primária em sua respectiva, se esta for francês, alemão, italiano ou inglês. Se a criança tiver como uma língua diferente destas, deve escolher uma delas para iniciar sua educação primária. Numa segunda etapa uma é introduzida. Num estágio posterior, as aulas são organizadas de modo que as quatro línguas possam ser utilizadas como meio de instrução de conteúdo. (MEGALE, 2005, p.10)

Segundo Souza (2011) percebe-se que no Brasil a escola bilíngue traz em si, além do modelo de alfabetização bilíngue diferenciada do indivíduo, a tarefa de ser capaz de formar um ser humano que esteja pronto para lidar com as pluralidades e diferenças sociais existentes não só no Brasil, mas em várias culturas. Sendo assim, observa-se de forma recorrente em propostas

pedagógicas que as escolas insistem na perspectiva de auto afirmar que seu papel não é apenas educar, mas sim formar cidadãos, ou seja, a proposta de educação integral tão buscada e reafirmada pelas LDB e, mais atualmente, pela Base Nacional Comum Curricular -BNCC.

A cidadania, como fenômeno social de relevante importância, tem suscitado acaloradas discussões em diversos segmentos da sociedade. A preocupação em construir cidadania é extremamente importante porque elege os elementos necessários para a compreensão dos direitos do cidadão. Assim sendo, a noção de cidadania, em linhas gerais, compreende os aspectos da vida em sociedade como um todo, sendo capaz de impactar diretamente os destinos da sociedade através da participação cívica.

Tendo como base os princípios de construção social da cidadania, percebe-se que em uma sociedade plural, com inúmeras diferenças culturais como é a brasileira, a tarefa de construção e modulação do cidadão para o exercício da cidadania não é uma tarefa fácil. Segundo Covre (2003) o que antes era algo que ficava restrito às disciplinas de formação relacionadas à sociologia e filosofia, hoje mostra uma demanda extremamente crescente, onde se faz necessária a integração das demais áreas do conhecimento para ser capaz de promover a formação do cidadão.

E onde o bilinguismo entra nessa discussão? A socialização do indivíduo começa nas instituições sociais, sendo a primeira a família, meio informal de contato com o mundo social, depois estamos diante dos processos formais como escolas e os grupos sociais em geral. A escola, a seguir, é a primeira instituição fora do lar em que a criança conviverá com outras pessoas, conhecerá novos costumes e personalidades e estenderá sua formação.

Atualmente a escola não é vista apenas como um local onde a criança vai e aprende saberes acadêmicos. Hoje, ela rompe todas essas barreiras, devido ao atual estilo de vida dos pais, em que as crianças normalmente convivem a maior parte do tempo diário na escola do que em casa, ou seja, em muitos casos a educação hoje é integral. Sendo assim é indispensável enxergar a instituição escolar como o agente formador e preparador do cidadão para a vida em sociedade, onde, segundo Vygostky (1994), percebe-se que os primeiros anos de vida e sociabilidade são cruciais para a formação de caráter e personalidade de um indivíduo. E em todo este processo é importante ressaltar a preparação e

a formação contínua do docente para lidar com essa gama de diversidade exigida pela sociedade atual, onde as escolas bilíngues propõem em sua proposta pedagógica que o seu papel vai além de um formador intelectual, sendo também um formador social.

Assim, surge um questionamento: será que os cursos de formação de professores conseguem formar profissionais aptos para exercer essas atividades? Será que a universidade tem se atualizado para conseguir atender essas novas demandas de ensino?

Além de uma boa e sólida formação linguística e cultural sobre a língua que pretende ensinar, o professor da escola bilíngue deve ser preparado para atender os diferentes propósitos das diferentes escolas bilíngues no Brasil. As dimensões continentais desse país contribuem para configurar ambientes sociais diversificados que exigem e favorecem a presença de uma escola bilíngue” (SALGADO, 2009, p. 8043)

Sabemos que a escola bilíngue no Brasil ainda está em crescimento e vem se consolidando cada vez mais no cenário atual. Para obter êxito, é necessário que o ambiente escolar proporcione às crianças o encorajamento à comunicação, a possibilidade de expressar seus sentimentos e criatividade em um ambiente acolhedor, capaz de formar um cidadão bilíngue.

4. Possibilidades e limites da educação bilíngue

Para Flory (2008), pessoas Bilíngues apresentam em comum as seguintes características: são indivíduos que conhece e usam duas ou mais línguas; adquirem e suam suas línguas com diferentes propósitos, em domínios distintos, com pessoas distintas; possuem diferentes graus de competência na língua que usam e possuem diferentes processamentos em suas línguas.

O conhecimento da língua é algo acumulativo, ou seja, ninguém aprende uma língua e desaprende outra. Segundo Wolfforwitz-Sanches(2009), a linguagem existe como parte do aparato cognitivo, interagindo em larga escala com os processos cognitivos, o que inclui dizer, através das evidências empíricas e científicas, que os atributos linguísticos não são separados no cérebro. Portanto, o processo de alfabetização da criança pode ser feito em qualquer língua que os aparatos cognitivos irão reagir em todo o cérebro da mesma forma, o que comprova que o cérebro, no período da alfabetização, não faz

diferenciações entre “Língua A ou Língua B”, ou seja, para o cérebro da criança são sistemas de linguagem que estão sendo aprendido de forma natural.

Ao adquirir uma nova língua, o aparato cognitivo será modificado, ou seja, em nenhum dos casos a nossa comunicação em mais de uma língua será igual, apresentando os mesmos níveis de uso e proficiência: sempre vai existir uma língua que se utiliza mais que outra, pois o aparato cerebral vai se modificar de acordo com a experiência adquirida, como demonstram as pesquisas da George Mason University, na Virgínia, Estados Unidos, que afirmam que o exercício do bilinguismo consegue ativar partes do cérebro que não seriam ativadas em pessoas monolíngues.

Para Wolffowitz-Sanches(2009), é importante ressaltar que no cérebro bilíngue as línguas sempre estão ativadas paralelamente, ou seja, de acordo com o uso dos idiomas o cérebro faz a ativação de forma normal e simultânea; apesar dessa constatação parecer algo lógico, nem sempre a educação bilíngue foi vista desta forma, já que esses resultados só foram comprovados no início dos anos 1990, levando a acreditar que teorias desenvolvidas antes desse período afirmavam que o bilinguismo era tido como algo negativo, porque acreditavam que o cérebro de uma pessoa bilíngue funcionava como dois processos monolíngues em um só. Achava-se que o bilinguismo causava atrasos na alfabetização infantil, mas as pesquisas apontaram que essa ativação paralela e simultânea ocorre de forma natural e que a alfabetização na língua materna ou na estrangeira não são comprometidas.

Megale (2005) afirma que no campo da Psicolinguística, é explicado que o uso da linguagem na interação com outros falantes ocorre com aparente facilidade e rapidez e de forma automática no nosso cotidiano, mas esse uso envolve um sofisticado processamento cognitivo. Na faixa etária dos 6 meses aos 4 anos, há uma *janela cerebral* nas crianças, o que significa que estão se formando circuitos de linguagem. Os neurônios, se estimulados, podem fazer novas conexões e especializações. Apresentar um novo idioma à criança, nessa idade, torna a tarefa do aprendizado mais fácil, ou seja há uma maior chance de êxito Megale(2005). Existem autores que buscam delimitar linhas gerais acerca das relações entre Bilinguismo e desenvolvimento cognitivo. Por exemplo, Diaz e Klinger (2000) apresentam características gerais que se pode alcançar em relação a experiências realizadas com crianças bilíngues precoces e

desenvolvimento cognitivo. Os autores afirmam, em linhas gerais, que crianças expostas ao bilinguismo nos primeiros anos de vida mostram vantagens consistentes em tarefas envolvendo habilidades verbais e não verbais; mostram habilidades metalinguísticas avançadas, especialmente manifestadas em seu controle sobre o processamento da língua.

Apesar de os estudos empíricos atuais serem capazes de comprovar a eficiência e eficácia nos estudos bilíngues desde a educação infantil, ainda existem pesquisadores que apresentam opiniões divergentes em relação a alfabetização em um segundo idioma, porém essas opiniões estão mais relacionadas a pontos socioculturais do que a prejuízos cognitivos; tais pesquisadores afirmam que o estudo de outra língua e a imersão em outra cultura, pode causar o estranhamento sobre a própria cultura, uma vez que os pequenos ainda estão em fase de formação.

Um desses pensadores é Francisco Baptista Assumpção Junior, psiquiatra infantil e professor do Instituto de Psicologia da USP, que afirmou em entrevista à revista Crescer que esse multiculturalismo tem desvantagens, pois poderia tornar a criança uma estrangeira dentro do próprio país. O Professor afirma que:

As raízes são um importante suporte, uma sustentação para a sanidade mental de uma pessoa. Uma criança que se afasta da cultura de seu país, de sua família e dela própria corre o risco de sofrer um desenraizamento, perder sua identidade, envergonhar-se do que é e passar a querer ser algo que não é, ter o que não tem. É compreensível uma família colocar o filho numa escola nesses moldes quando tem a ver com sua cultura, seu idioma e suas raízes, mas quando não há nenhum vínculo nesse sentido, eu realmente não concordo. [...]. Por isso, quando o indivíduo está inserido em um contexto de duas ou mais línguas, ele está também, envolvido em um complexo sistema cultural que deve afetar sobremaneira a sua percepção como indivíduo, uma vez que a língua traz um sentimento de pertencimento a uma comunidade étnica.

Sobre o estranhamento da própria cultura Hamers e Blanc (2003), afirmam que a escola deve ser capaz de propor um ambiente de valorização igualitária da língua e da cultura nacional, para o indivíduo não sentir o estranhamento citado pelo psiquiatra.

[...] se as duas línguas forem suficientemente valorizadas, o desenvolvimento cognitivo da criança derivará um benefício máximo da experiência bilíngue, que atuará como uma

estimulação enriquecida levando a uma maior flexibilidade cognitiva em comparação com os pares monolíngues. Por outro lado, se o contexto sociocultural é tal que a língua materna seja desvalorizada no ambiente que circunda a criança, seu desenvolvimento cognitivo pode ficar atrasado em comparação com seus pares monolíngues (HAMERS e BLANC, 2003: 29)

Para Flory(2008), alguns pesquisadores defendem a ideia que a escola bilíngue tende a valorizar uma determinada cultura em detrimento da cultura materna, porém as escolas bilíngues atuais, contam com o um projeto pedagógico curricular onde estão inseridas as diretrizes do Ministério da Educação(MEC), ou seja trabalham em conjunto para que a criança seja alfabetizada de forma bilíngue, respeitando os parâmetros curriculares propostos pela cultura brasileira. Outro fator negativo poderia ser caracterizado como a sobrecarga de conhecimento.

Por mais que a criança tenha a capacidade de aprender com facilidade, ela receberá, durante os primeiros anos de vida, muita informação acadêmica afirma Flory(2008). Baseado nesta afirmação, alguns pesquisadores defendem que a infância é uma fase de brincadeiras, então o bilinguismo precoce, com um turbilhão de informações, faz que o sentido da infância seja deixado de lado. Para que isso não ocorra, Salgado (2009) afirma que essa sobrecarga pode ocorrer em escolas monolíngues também e que, para se evitar isso, o processo de aprendizagem deve ser algo lúdico a prazeroso, interessante para a criança, ocorrer de forma natural, e cabe à escola traçar metas e atividades pedagógicas lúdicas capazes de fazer com que as crianças não se sintam sobrecarregadas e aprendam brincando.

CONCLUSÃO

O bilinguismo provoca no indivíduo um impacto profundo - social e estrutural -, pois o cérebro irar se adaptar a uma nova série de sinapses, através da plasticidade neural, o que significa que o bilinguismo na fase infantil terá um impacto positivo no desenvolvimento cognitivo da criança, pois vai influenciar sua visão de mundo, como se posicionar na sociedade e como se relaciona com as diferentes culturas. Atualmente, com a globalização, ser bilíngue não é mais um diferencial, mas uma necessidade crucial para a vida social e a convivência em grupos de diferentes culturas.

Observamos que cada vez mais há um crescimento na procura por programas de intercâmbio, sejam eles relacionados à formação profissional ou formação acadêmica; já não estamos mais diante daquela sociedade de outrora que interagiu apenas em escala nacional, mas estamos interligados com diferentes partes do mundo, ligação essa promovida principalmente pelo avanço tecnológico. É sabido hoje que a língua mais utilizada no mundo corporativo, no mundo acadêmico e do entretenimento ainda é o inglês. Partindo desses pressupostos, observando também que, quanto mais tarde, mais difícil a aquisição de um segundo idioma, pois o ensino apresenta gargalos e o cérebro monolíngue começa a aprender baseado em tradução. Isso significa dizer que, já na fase posterior à educação infantil, o indivíduo começa a ter mais dificuldades, pois ocorre a perda gradativa da plasticidade neural. Portanto, alguém que seja alfabetizado em duas ou mais línguas na fase da educação infantil terá mais facilidade de compreender e se adaptar a esta realidade, pois para a criança não serão diferentes línguas, mas diferentes formas de comunicação, sendo que - para ela - todas apresentam a mesma representação que a sua língua materna, porque o processo de aprendizagem ocorre por imersão de forma natural.

Sabemos que ainda há muitos avanços e melhorias para serem conquistados, mas foi possível inferir que o ensino bilíngue tem uma representação única na vida do indivíduo sendo capaz de oferecer diferenciais substanciais quanto, por exemplo, a formação social. A educação bilíngue ainda não é acessível a todas as camadas sociais, uma vez que essa educação é restrita, ocorrendo no âmbito das escolas particular e a preços que restringem seu acesso a apenas uma parte da população, devido ao elevado valor das mensalidades, mas com o passar do tempo e o avanço da educação pública, esperamos que, em algum momento, essa possa ser a realidade da maioria das escolas brasileiras e um dia talvez todos possam ter acesso à educação bilíngue, seja ela ofertada no sistema público ou privado

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKER, C. e PRYS-JONES, S. **Encyclopedia of Bilingualism and Bilingual Education – School or Education**. University of Wales, Bangor: Multilingual Matters Ltd, 1998.

BLOMMFIELD, Leonardo. **Language**. London: Allen and Unwin. Ano:1993. Disponível na Internet: <http://gvcelog.fgv.br/sites/gvcelog.fgv.br/files/sop_passo_a_passo.pdf>. Acesso em: 14 de julho de 2017.

DEL RÉ, Alessandra. (Org). **Aquisição da linguagem: uma abordagem psicolinguística**. São Paulo: Contexto, 2006.

DIAZ, R.M.; KLINGER, C. **Toward an Explanatory Model of the Interaction between Bilingualism and Cognitive Development**. Disponível na Internet: <<https://www.cambridge.org/core/books/language-processing-in-bilingual-children/towards-an-explanatory-model-of-the-interaction-between-bilingualism-and-cognitive-development/337AAE1CCCF18DBACF42A52DDF56FB7C>> . Acesso em: 14 de julho de 2017.

FLORY, E. V. **Referências do bilinguismo precoce sobre o desenvolvimento infantil: uma leitura a partir da teoria da equilibração de Jean Piaget**. Tese (Doutorado em Psicologia) –USP, 2008.

HAUGEN, Einar, 1973. **Bilingualism, language contact, and immigrant languages in the United States**. A research report 1956–1970. In Sebeok 1973.

HARDING-ESCH, Edith. RILEY, Philip. **The Bilingual Family: a handbook for parents**. 2.ed. Cambridge University Press, 2003.

HARMERS, J e BLANC, M. **Bilinguality and Bilingualism**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000

LIPMAN, Matthew. **Filosofia para crianças: A Tentativa Pioneira de Matthew Lipman**. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2001

MANZINI COVRE, Maria de Lourdes. **O que é Cidadania**. 3. ed. , 11ª reimpressão, São Paulo: Brasiliense, 2003, 78p.

MEGALE, Antonieta Heyden. **Bilinguismo e educação bilíngue: discutindo conceitos**. ReVEL, v. 3, n. 5, ago. 2005.

MELLO, H. A. B. **O português é uma alavanca para que eles possam desenvolver o inglês: eventos de ensino-aprendizagem em uma sala de aula de ESL de uma escola bilíngue**. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) –UNICAMP, Campinas, 2002.

SALGADO, Ana Claudia Peters. **Formação de professores para a educação bilíngue: desafios e perspectivas**. 2009 Disponível na Internet: <http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2009/3496_1974.pdf> . Acesso em: 14 de julho de 2017.

SCARPA, Ester Mirian. **Aquisição da linguagem**. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Cristina. Introdução à lingüística: domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2001. v.2

SILVA, Raquel Carvalho Mota E. **Aquisição de segunda língua em contexto de educação bilíngue: processos dialógicos no trabalho pedagógico**. Universidade de Brasília 2011. Disponível na Internet: <bdm.unb.br/handle/10483/2310> . Acesso em: 14 de julho de 2017.

SMOLKA, A. L. **A concepção de linguagem como instrumento: um questionamento sobre práticas discursivas e educação formal** In *Temas em Psicologia*. Ribeirão Preto, n.º 2, p. 11-21, 1995.

SOUZA, Solange Jobim e. **Infância e Linguagem: Baktin, Vygotsky e Benjamin**. 6. ed. São Paulo: Papirus, 2006

VYGOTSKY, Lev Semenovicth. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

_____. **A Formação Social da Mente**. Martins Fontes -São Paulo. 5ª edição, 1994.

WOLFFORWITZ-SANCHES, N. **Formação de Professores para a educação infantil bilíngue**. 217 pp. 2009. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e estudos da Linguagem) –Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.